

Contribuição ao Estudo Geográfico da Erva-Mate

LOURDES MANHÃES DE MATTOS STRAUCH

Da Divisão de Geografia do C.N.G.

INTRODUÇÃO

A erva-mate, embora não represente hoje um dos produtos mais importantes na economia brasileira, constituiu outrora um elemento de relêvo, numa época em que houve a valorização comercial do produto. Isto se verificou a partir da primeira metade do século XIX, com as crises político-militares do Paraguai, então grande exportador de erva-mate. SAINT-HILAIRE refere-se ao fato: "Como as circunstâncias políticas tornavam então quase impossíveis as comunicações com Buenos Aires e Montevideú, vinha-se dessas cidades buscar o mate em Paranaguá, pôrto vizinho de Curitiba".¹ Ao lado disso, a introdução de novas técnicas na sua preparação adquiridas no Paraguai contribuiu sobretudo para a maior aceitação do mate brasileiro que até então, apesar de conhecido pelos índios e até mesmo cultivado nas Missões Jesuíticas, no século XVIII², não tinha maior aceitação nos mercados do Prata.

Entretanto o grande surto econômico da erva-mate brasileira, que tinha na Argentina seu maior mercado consumidor, entraria em decadência com o impulso dado pelos argentinos às suas plantações de erva-mate em Missões, nas primeiras décadas do século XX. Assim, nossa exportação para quêle país, que em 1920 atingia 71,5% do total da exportação, teve sua porcentagem reduzida a 51,6% em 1940 e a 21% em 1950.³ O quadro I mostra a queda da exportação do mate de 1920 a 1952 e o II e IIA representam a redução no consumo por parte daquele país, quer nos dados relativos aos estados exportadores quer nos dos países de destino.

QUADRO I*

ANO	Produção (kg)
1920.....	90 686 000
1925.....	86 755 000
1930.....	84 846 000
1935.....	61 500 000
1940.....	50 520 000
1945.....	49 829 000
1950.....	45 774 000
1952.....	44 566 000

(*) Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura.

¹ SAINT-HILAIRE, Auguste de — *Viagem à Província de São Paulo e Resumo das Viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*, p. 337, 2.^a Edição (375 pp.). Livraria Martins Editôra, São Paulo.

² TESCHAUER, S.J., Padre Carlos — "A erva-mate (na história e na atualidade)", p. 593. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* — Pôrto Alegre, 1926. I e II trimestres. Ano VI, pp. 559-604.

³ Dados do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda.

Êste declínio refletiu-se principalmente nos municípios mais ligados à atividade ervateira, como assinala o geógrafo **LYSIA BERNARDES** em seu trabalho sôbre crescimento de população no estado do Paraná. “Ocorreu na parte ocidental do segundo Planalto uma taxa menor de crescimento nos municípios onde o povoamento foi iniciado desde o século passado em função da exploração ervateira, seja os do Alto Iguaçu (São João do Triunfo, São Mateus e Mallet) ou do Alto Ivaí ou rio dos Patos (Imbituva, Ipiranga e Prudentópolis). De fato, no período entre os dois recenseamentos diminuiu em importância a exploração da erva-mate, o que ocasionou um crescimento menor da população nos municípios mais estreitamente ligados a esta atividade”.⁴

De 1940 para 1950, vamos verificar que aquêles mesmos municípios, de modo geral, apresentaram, ora um aumento reduzido de população, como é o caso de São João do Triunfo, Imbituva e Prudentópolis, ora permaneceram estacionários, como Ipiranga, e outras vêzes houve mesmo decréscimo de população; tal é o exemplo de São Mateus do Sul, o município de maior produção ervateira do Paraná. Quanto ao de Mallet, observou-se ali uma taxa maior no crescimento de população, o que se pode atribuir ao desenvolvimento dado à agricultura naquele município, onde os dados da C.N.P.A. acusam um número de arados que atinge 3 200, com um total de mais ou menos 3 700 propriedades agrícolas, sendo 3 000 exclusivamente agrícolas, e onde a exploração ervateira foi bem menor que nos municípios acima citados, 500 000 quilogramas.

QUADRO II *

Estados Exportadores

ESTADOS	1920 — kg	1940 — kg	1950 — kg	1952 — kg
São Paulo.....	30 815	528 859	663 108	133 564
Paraná.....	65 238 209	36 926 773	35 799 854	34 141 299
Santa Catarina.....	28 650	7 581 189	7 268 666	7 066 449
Rio Grande do Sul.....	8 911 515	1 345 975	417 440	324 925
Mato Grosso.....	—	4 134 027	1 633 159	1 699 128

(*) Dados do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda.

Nota-se que o total relativo a 1920 não equivale ao total da exportação, também segundo os dados do S.E.E.F. do Ministério da Fazenda.

Os dados de Santa Catarina não parecem corresponder à realidade, porquanto a produção daquele estado em 1920 alcançou um total de cêrca de 14 000 000 de quilogramas (segundo dados do Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura). Por outro lado, não figuram no quadro os dados relativos a Mato Grosso, enquanto o Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura dá para aquêle estado uma produção de 11 500 quilogramas.

⁴ BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti — “Crescimento da população do estado do Paraná” p. 267 — *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XIII, n.º 2 (1951). Pp. 265-274.

QUADRO II-A *

Países de destino

PAÍSES	1920 — kg	1940 — kg	1950 — kg	1952 — kg
Argentina.....	68 907 327	25 982 263	9 913 744	10 494 932
Uruguai.....	18 475 565	18 461 854	23 433 728	22 770 933
Chile.....	3 221 479	5 711 066	12 089 568	11 153 430
Bolivia.....	—	21 911	320	1 360
Outros.....		343 047	92 245	144 661

(*) Dados do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda.

Foi, sem dúvida, no Paraná que a crise do mate mais se fez sentir, pois que era o estado maior exportador do produto para a Argentina. No quadro II-A vemos que ainda em 1940 era aquêlê país o maior consumidor do produto, em 1950 e 1952 a maior exportação se destinava ao Uruguai e em 2.º lugar ao Chile.

A desvalorização comercial da erva-mate, vem se acentuando dia a dia, como pode ser verificado nos gráficos de produção e valor em cruzeiros relativos aos produtos mais importantes de nossa produção extrativa vegetal e referentes ao período de 1947 a 1951.

Comparando-a ao babaçu, à borracha, à castanha-do-pará, ou à cêra de carnaúba, vamos verificar que, embora ocupando o primeiro ou segundo lugar em produção, entre 1947 e 1951, seu valor em cruzeiros é bem inferior ao dos demais produtos.

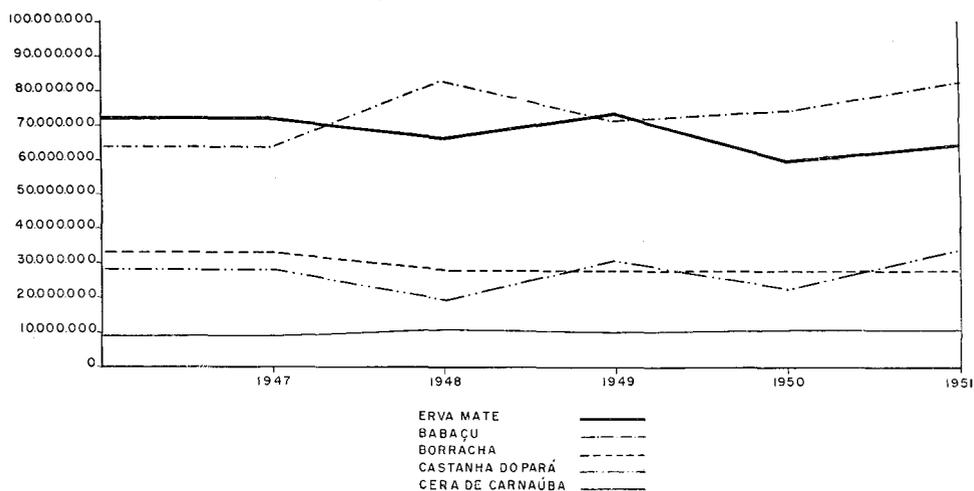
É interessante observar que, enquanto diminui a produção do Paraná, destinada quase exclusivamente à exportação, cresce a do Rio Grande do Sul, onde cada vez mais se acentua o consumo interno. Isto parece refletir-se no próprio preço do produto que atinge valores superiores no último estado. Paralelamente, desenvolve-se no Rio Grande do Sul, o cultivo da erva-mate.

QUADRO III *

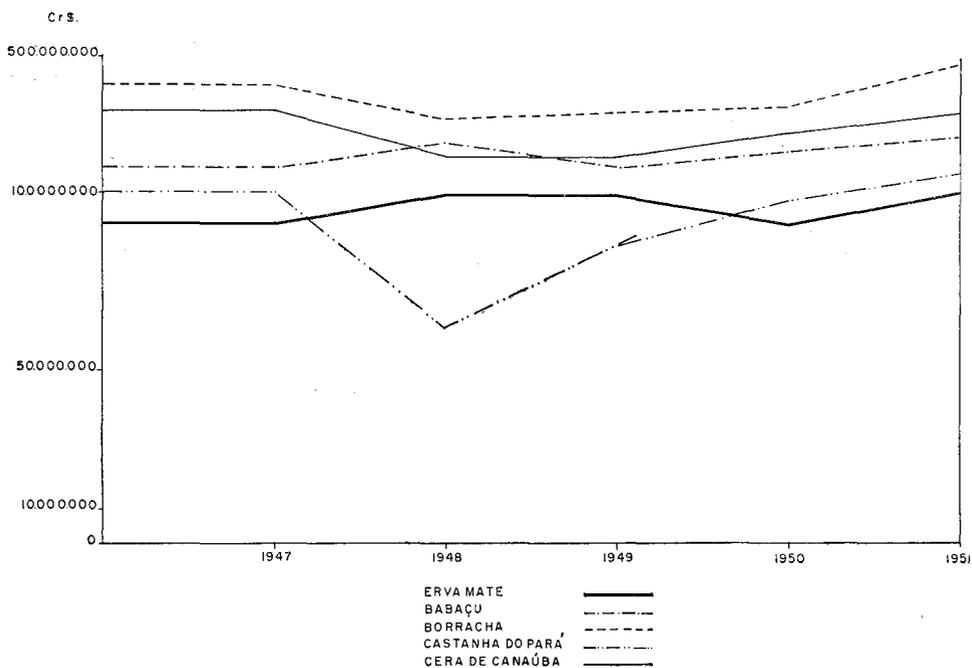
ANO	Estado	Produção em quilos	Valor em cruzeiros
1948.....	Paraná.....	22 647 647	27 537 717
	Rio Grande do Sul.....	19 377 267	42 296 271
1949.....	Paraná.....	40 862 375	49 322 654
	Rio Grande do Sul.....	14 719 959	30 181 803
1950.....	Paraná.....	19 509 593	22 697 604
	Rio Grande do Sul.....	16 744 831	38 656 696
1951.....	Paraná.....	21 624 840	29 956 246
	Rio Grande do Sul.....	19 759 170	46 713 882
1952.....	Paraná.....	18 345 830	27 396 004
	Rio Grande do Sul.....	22 268 103	60 700 510

(*) Dados do Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura.

PRODUÇÃO EM QUILOGRAMAS



VALOR EM CRUZEIROS



Dados do Serviço de Estatística de Produção do Ministério de Agricultura.

MÉTODO DE TRABALHO

Representamos aqui a distribuição da produção de erva-mate para o ano de 1952, segundo dados do Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura. O tipo de representação escolhido foi o sistema de pontos. Considerando a escala do mapa (1 : 1 250 000) e a variação de produção por município (Bom Retiro 1 200 quilos e Erexim 5 441 526) escolhemos para cada ponto um valor equivalente a 15 000 quilogramas. Assim, deixaram de figurar

no nosso mapa, com pequena produção de mate, os municípios de São Bento do Sul (3 776), Tangará (2 500) e Bom Retiro (1 200 quilogramas).

Para melhor localização dos pontos, foram utilizados mapas da vegetação dos diferentes estados, uma vez que se trata de produto nativo, cuja ocorrência está, de maneira geral, ligada à da mata de araucária. No caso do Paraná, o "Mapa Preliminar de Vegetação" de REINHARD MAACK permitiu-nos identificar as áreas de maior concentração da exploração ervateira, pois que ali se acham assinaladas as zonas principais de erva-mate na região das araucárias. Para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, também os mapas de vegetação dos respectivos estados, bem como informações de geógrafos do Conselho Nacional de Geografia auxiliaram sobremodo nesta distribuição. Quanto à área ervateira do estado de Mato Grosso, valemo-nos de esclarecimentos de geógrafos da Seção Centro-Oeste do C.N.G., que aí estiveram em trabalhos de campo.

Quanto aos dados da produção de erva-mate, é interessante observar que nem sempre parecem corresponder à sua área de extração. Assim é que vamos encontrar num município como o de Pôrto Alegre, já completamente fora da zona de ocorrência de mate, uma produção equivalente a 685 458 quilogramas. Tratando-se de um município onde é importante a atividade industrial, é mais razoável supor-se que este dado se refira ao beneficiamento do produto e não à extração de erva-mate nêle cultivada. Entretanto, isto não chega a comprometer a veracidade do mapa, uma vez que as áreas de maior expressão ervateira são de modo geral aquelas onde se processa a maior extração.

Ainda com relação aos dados, convém lembrar que o município de Rebouças aparece sem produção, segundo os dados do Ministério da Agricultura relativamente a 1952. Êsse mesmo município em 1950 também não figurava nos dados daquela mesma fonte, apresentando, entretanto, de acôrdo com os dados do Serviço Nacional do Recenseamento em 1950, uma produção de 815 000 quilogramas. Isto só pode ser atribuído a um lapso, principalmente se examinarmos o mapa de distribuição da erva-mate, onde aparece um verdadeiro vazio no município de Rebouças, numa zona em que se salienta a produção de mate do Paraná. Além disso, segundo os inquéritos do Comissão Nacional de Política Agrária, também relativos a 1950, a erva-mate aparece como uma das principais fontes de riqueza daquele município.

O mesmo se verifica, quanto ao município de Lapa. Enquanto nos dados do S.N.R. apresenta uma produção de 1 268 000 quilogramas, é inexistente na estatística do Ministério da Agricultura.

DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE ERVA-MATE

Trata-se de produto nativo que aparece associado à mata de araucária. Isto não quer dizer, porém, que a erva-mate apareça invariavelmente tôdas as vezes que ocorre o pinheiro. Faz exceção o estado de Mato Grosso, onde a erva-mate aparece associada a um tipo de cerrado denominado regionalmente de "caatin". Aí, entretanto, quase tôda a produção procede de ervais plantados.

A distribuição da erva-mate assinalada em nosso mapa corresponde, aliás, às áreas em exploração, o que não reflete a verdadeira extensão da ocorrência do *Ilex*.

Quanto às condições de aparecimento da erva-mate, podemos dizer que, de maneira geral, são as mesmas da mata de araucária. Encontramo-la, como o pinheiro, no caso do Paraná, no planalto cristalino, no 2.º planalto onde o solo é menos rico e na região do *trapp*. “Sua ocorrência parece, porém, estar mais ligada às condições de altitude e conseqüentemente de clima”⁵, surgindo no Paraná a partir de 500 metros. Em Santa Catarina surge na mesma altitude e no Rio Grande do Sul a partir de 450 metros⁶. Finalmente em Mato Grosso aparece também numa altitude superior a 450 metros.

Já pudemos observar uma certa distinção entre a área ervateira do chamado sul do Brasil e a de Mato Grosso. Assim, estudaremos separadamente uma e outra.

Passemos a examinar o mapa de distribuição da produção de erva-mate. Notamos, desde logo, que as maiores concentrações se localizam, dentro da região das araucárias, próximo às estradas que facilitam o escoamento do produto e por vêzes em zonas de colonização. É interessante observar o grande adensamento junto ao rio Iguaçu, quer do lado do Paraná, quer em Santa Catarina. A exploração ervateira nesta zona data da localização dos colonos europeus em terras de mata de araucária, naqueles dois estados. Estabelecidos ali desde 1829 (Rio Negro e Mafra), os colonos ocuparam a zona florestal do segundo planalto, na segunda metade do século XIX (São Mateus, 1876). Foi a partir de 1820 que se iniciou a valorização comercial do mate brasileiro, devido a situações internas anormais no Paraguai, então maior exportador do mate.

Numa época em que a dificuldade de transportes mantinha os colonos praticamente isolados, a erva-mate constituiu um elemento de valor na sua fixação⁷. BIGG WITHER, escrevendo sôbre a erva-mate, assim se expressa: “Quando se lembra que a árvore da erva-mate não requer nenhum cultivo, mas cresce abundantemente nas bordas da floresta, não será surpresa saber que há muito poucos anos atrás a manufatura e venda do mate pelos proprietários de engenho, que compram o material já sêco dos cortadores, davam mais que 100% de lucro”⁸.

Não podemos esquecer aqui o papel dos rios Negro e Iguaçu que, “favorecendo a penetração e o povoamento”⁹, facilitaram o escoamento do produto.

Mais tarde, na segunda metade do século XIX, a construção da estrada D. Francisca, ligando Rio Negro a Joinville e outra de Ponta Grossa ao litoral, passando por Palmeira e Curitiba, contribuiu sobremodo para o desenvolvimento da indústria ervateira.

Aliás o próprio BIGG WITHER já se referia em seu livro a uma boa estrada, já mais de metade construída, ligando Palmeira a Curitiba e ao litoral, que provàvelmente é a mesma estrada acima referida.

Podemos observar que, de maneira geral, atualmente no Paraná e em Santa Catarina, a área de maior concentração de extração parece corresponder às

⁵ ROMARIZ, Dora de Amarante — “Mapa de Vegetação Original do Estado do Paraná”, (p. 601). *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XV, n.º 4 (Pp. 597-606).

⁶ VALVERDE, Orlando — “Excursão à zona colonial antiga do Rio Grande do Sul”, (p. 503). *Rev. Bras. de Geografia*, (ano X, n.º 4. Pp. 477-534).

⁷ DENIS, Pierre — “Le Brésil au XX^e siècle”. P. 226. Paris, 1909.

⁸ BIGG WITHER — *Pioneering in South Brazil*. (P. 162). Vol. II — 1878 — 328 pp.

⁹ BERNARDES, Nilo — “Expansão do Povoamento no Estado do Paraná”. (P. 441). *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XIV, n.º 4. Pp. 427-456.

mesmas regiões de exploração mais antiga da erva-mate, o que se pode compreender, tratando-se de um produto cuja desvalorização comercial tem sido progressiva, não incentivando a procura de novas áreas de exploração. Assim é que no nosso mapa, além da zona já citada próxima ao rio Iguacu, a produção de erva-mate se distribui pelos municípios de Palmeira, Prudentópolis, etc., e em menor escala em Curitiba. Pelas referências de autores mais antigos nota-se que até aí se estendeu outrora a exploração ervateira, contribuindo para o seu povoamento. BIGG WITHER refere-se (1878) a moinhos de mate em Palmeiras e descreve um "barbaquá"¹⁰ movido a força hidráulica entre Palmeira e Campo Largo, próximo a esta última cidade.

Por outro lado LIMA FIGUEIREDO, em seu livro publicado em 1937 *Oeste Paranaense*, faz referência ao comércio do *Ilex* em Imbituva e Prudentópolis, onde o mate constituía a principal fonte de renda.

Nesta área, atualmente, a exploração da erva-mate é feita, ora em pequena propriedade, nas zonas de colônias, ora em propriedades maiores. O geógrafo ORLANDO VALVERDE, em excursão nesta zona, assinala no município de Mafra, Santa Catarina, exploração de mate em pequenas roças de colonos, de mais ou menos 15 alqueires¹¹. Ainda aí, observou propriedades ervateiras e madeireiras de mais ou menos 50 alqueires. Entre Canoinhas e União da Vitória, a 30 quilômetros de Canoinhas, fora da zona de colônia, a exploração se faz em propriedades de 200 alqueires, em média. A 2 quilômetros de Teixeira Soares para Palmeira, assinala propriedades ervateiras de 1 000 alqueires, exploradas por luso-brasileiros. No município de Imbituva, verifica-se a exploração em propriedades pequenas, em terras de colonos, e em propriedades grandes¹².

É interessante observar que, nas áreas de colonização, a exploração ervateira é, hoje em dia, tarefa desempenhada não só pelos próprios colonos, mas muitas vezes por nacionais, contratados para este trabalho, constituindo um tipo de atividade semi-nômade.

Continuando o exame do mapa, observamos duas concentrações no Rio Grande do Sul, uma ao norte do estado e outra abrangendo uma parte da chamada zona colonial antiga. Ocupando o planalto onde ainda ocorrem as araucárias, estas duas manchas se apresentam com aspectos diferentes. Na primeira, a exploração da erva-mate é feita "na sua quase totalidade por luso-brasileiros em grandes propriedades"¹³, constituindo um fator positivo no povoamento de certas áreas. Esta atividade permanece ainda hoje como uma fonte importante na economia regional. Na segunda, ocupada por colonos europeus, a exploração ervateira se faz em pequenas propriedades, constituindo, ao que parece, uma atividade econômica suplementar. É verdade que atualmente tem aumentado a produção de erva-mate no Rio Grande do Sul, encontrando-se nesta zona plantações do *Ilex*, como é o caso de Venâncio Aires. Tratando-se de um município, parcialmente situado fora do planalto, onde predomina a mata latifoliada, uma tal produção (3 426 438 quilogramas) só pode ser atribuída àquelas plantações.

¹⁰ "Barbaquá" — Aparelhagem utilizada para secar a erva-mate, depois de cortada e sapecada.

¹¹ Trata-se aqui do alqueire paulista que equivale a 24 200 metros quadrados.

¹² Observações de campo cedidas pelo Prof. ORLANDO VALVERDE.

¹³ BERNARDES, Nilo — "Relatório" (inédito).

Quanto à distribuição da produção no Rio Grande do Sul, ela se apresenta bem mais disseminada do que nos dois estados acima, estendendo-se por toda a área de ocorrência da erva-mate, o que se pode talvez explicar em virtude do consumo interno, cada vez maior neste estado. Aparecem no Rio Grande do Sul, além da erva-mate nativa, ervais plantados a que já nos referimos acima. Em outras áreas, como no município de Palmeira das Missões, no norte do estado, foi assinalada a existência de erva-mate cultivada¹⁴.

Finalmente se salienta um outro adensamento, ao sul do estado de Mato Grosso. Aí encontramos uma área ervateira com características bastante diferentes daquelas já estudadas. A erva-mate aparece associada ao "caatin", numa altitude mínima de 450 metros, segundo informações do geógrafo EDGAR KUHLMANN. Entretanto, como já dissemos, quase toda a produção deste estado é proveniente de ervais plantados.

A exploração econômica do mate no sul de Mato Grosso iniciou-se na segunda metade do século XIX, quando, após a guerra do Paraguai, esta região foi percorrida para fins de fixação de linhas de limites. Concederam-se extensas áreas de terra, que mais tarde seriam exploradas pela Companhia Argentina Mate Laranjeira e finalmente pela Empresa Laranjeira, Mendes & Cia.

A atividade ervateira foi, sem dúvida, um fator importante na ocupação destas áreas. A princípio localizou-se na serra de Maracaju, sendo o produto encaminhado para o rio Paraguai, por onde atingia a Argentina. Para ligar a área de exploração ao porto de embarque naquele rio foram abertas estradas. Além disso, a erva-mate determinou certa humanização da paisagem, ora propiciando a fundação de núcleos como Porto Murtinho, ora contribuindo para o desenvolvimento de outros, como Ponta Porã. Deslocada posteriormente para leste a exploração da erva-mate, o escoamento passou a ser feito pelo rio Paraná. Sua influência também se fez sentir nesta nova área, com a fundação de portos fluviais e de núcleos como a pequena vila de Campanário. Uma estrada de ferro foi construída entre Guaira e Porto Mendes, contornando o salto das Sete Quedas.

A dificuldade em vencer os trechos mais difíceis de estradas na serra de Maracaju, principalmente entre Ponta Porã e Bela Vista, talvez explique o deslocamento da produção ervateira para leste, onde os tributários da margem direita do Paraná constituíam verdadeiros caminhos naturais de escoamento.

Na mata latifoliada do sul de Mato Grosso, de acesso mais fácil para o Paraná, "grandes áreas florestais foram destruídas para cultura do *Ilex*¹⁵ em propriedades da Cia. Mate Laranjeira.

Tratando-se de exploração em extensas concessões de terras, desde logo podemos observar o contraste entre o tamanho das propriedades na zona ervateira de Mato Grosso e o daquelas dos estados do sul do Brasil, notadamente das propriedades das zonas de colonização.

É verdade que atualmente esta área ervateira já se acha um pouco dividida, como se verifica em Ponta Porã, mas ainda conserva sua característica de grandes latifúndios

¹⁴ Observações de campo do engenheiro agrônomo WALTER ALBERTO EGLER.

¹⁵ KUHLMANN, Edgar — "A vegetação de Mato Grosso — seus reflexos na economia do estado", p. 100. *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XVI, n.º 1, pp. 77-122.

Embora a produção do estado de Mato Grosso não tenha sofrido grandes quedas, verifica-se que a exportação vem decaindo (vide Quadros IV e IV-A).

E isto, ao que parece, tem provocado um certo desinteresse por parte da Companhia. Aliás o governo desde muito vem exercendo certa pressão contra o monopólio da Mate Laranjeira.

QUADRO IV *

ANO	Produção em kg
1920.....	11 500 000
1925.....	15 000 000
1930.....	11 784 490
1935.....	10 121 478
1940.....	16 557 966
1945.....	9 647 686
1950.....	11 989 250
1952.....	8 080 026

(*) Dados do Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura.

QUADRO IV-A *

ANO	Exportação
1940.....	4 134 027
1950.....	1 683 159
1952.....	1 699 128

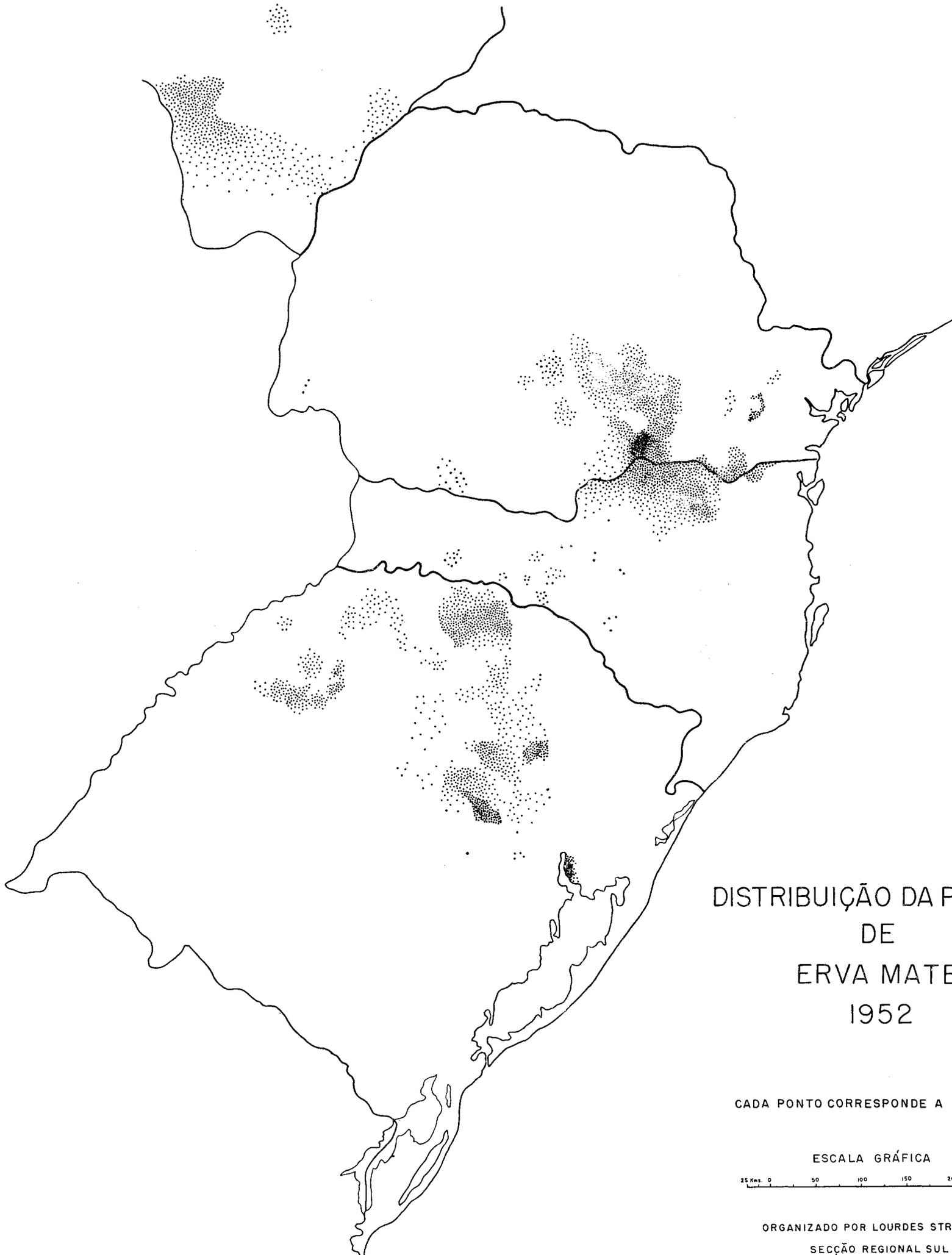
(*) Dados do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda.

A grande produção do estado se localiza no município de Ponta Porá, que em 1952 atingiu uma quantidade equivalente a 5 197 276 quilogramas, quando o total da produção foi 8 080 026 quilogramas.

ASPECTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS

O “ervateiro” não constitui um tipo característico, se comparado com o “gaúcho”, o “vaqueiro” ou mesmo o “seringueiro”. Observam-se, desde logo, certas diferenças quanto à origem dos trabalhadores da erva, não sendo também uniformes as condições de exploração. Dessa maneira, o ervateiro de Mato Grosso, que corresponde a zonas pouco desenvolvidas, recrutado preferentemente entre os paraguaios, não pode ser semelhante ao colono europeu ou mesmo ao elemento nacional que explora o mate no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Aliás, nos três últimos estados, a maior facilidade de escoamento tem possibilitado aproveitamento agrícola que fixa o homem ao solo, enquanto nas zonas pouco povoadas de Mato Grosso, onde ainda predomina o caráter exclusivista da exploração ervateira, verifica-se certo nomadismo do homem que vive à base da economia coletora.

É verdade, porém, que este deslocamento do trabalhador para os ervais é um fato de caráter geral e que de certa forma representa um aspecto típico



DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO
DE
ERVA MATE
1952

CADA PONTO CORRESPONDE A 15.000 Kg.

ESCALA GRÁFICA

25 Km. 0 50 100 150 200 250 Km.

ORGANIZADO POR LOURDES STRAUCH
SECÇÃO REGIONAL SUL

do ervateiro. Mesmo nas regiões onde atualmente a erva-mate não constitui atividade exclusiva, o trabalho dos “biscateiros” aí utilizado estabelece uma forma de atividade semi-nômade.



Foto n.º 1 — Detalhe do “mineiro” transportando a erva. Note-se o esforço feito sobre a cabeça, muito semelhante a certos grupos indígenas do Pacífico. (Foto C.N.G. — Speridião Faissol).

É interessante lembrar que também aqueles que já se fixaram à terra, pequenos lavradores que são, na época da colheita da erva-mate deixam suas terras cultivadas sob a guarda da mulher e penetram nos ervais.

As condições de vida do ervateiro variam, assim, de lugar para lugar. O ervateiro do sul de Mato Grosso é o que apresenta um nível de vida mais baixo, afastado que está dos grandes centros, o que o deixa à mercê dos intermediários, para aquisição de gêneros alimentícios. Acresce o fato de que, sendo uma economia unicamente extrativista, não possibilita outras fontes de renda.

Êstes trabalhadores paraguaios, em sua quase totalidade, passam para o Brasil na época da colheita, permanecendo aqui apenas os que têm uma atividade permanente.

“O mineiro” paraguaio ganha diariamente de Cr\$ 30,00 a Cr\$ 40,00 para colhêr e carregar, duas a três vezes por dia, quilos e quilos de erva num percurso às vezes de 1 quilômetro. É um trabalho de tal maneira exaustivo que chega a provocar um entumescimento no pescoço, em virtude do sistema de transporte utilizado, como se pode ver nas fotografias 1 e 2.

O trabalho da erva, em Mato Grosso, em tôdas as suas fases é feito, como dissemos, por paraguaios que, já habituados à exploração da erva em seu país, atravessam a fronteira, fugindo de sua terra onde as condições de vida, em virtude dos conflitos político-militares se tornaram precárias. Isto se reflete na própria terminologia da região, ligada à exploração ervateira. O “mineiro” é o encarregado da colheita da erva; ao “uru” cabe o tratamento primário da

mesma no “barbaquá”, etc. É interessante observar que, em grande parte, tal terminologia se estendeu às demais zonas ervateiras do país, naturalmente com algumas modificações locais, o que é perfeitamente justificável, pois sabemos que nosso conhecimento do tratamento da erva foi adquirido no Paraguai.



Foto n.º 2 — Aspecto do “mineiro” levantando o enorme saco de erva.
(Foto C.N.G. — Speridião Faissol).

CONCLUSÕES

1 — Trata-se de um produto nativo cuja exploração de maneira geral não se tem desenvolvido, senão no Rio Grande do Sul.

2 — A falta de mercados mundiais e um consumo interno fraco não têm possibilitado uma expansão maior da indústria ervateira, quer explorando os ervais nativos, quer incentivando seu cultivo, pois que o rendimento é maior nos ervais artificiais.

3 — Trata-se de uma atividade extrativista, — pois erva-mate quase sempre é nativa — embora tenha outrora contribuído para a fixação do colono, graças à sua valorização comercial; atualmente, observamos que isto só se verifica quando ao lado da indústria extrativa se desenvolve a agricultura, existindo mesmo algumas vezes no próprio erval lavouras ou então pastos plantados.

Quando a erva-mate se constitui como única atividade, ou mesmo atividade principal, tem-se observado, certa estagnação que se reflete, muitas vezes, no pequeno crescimento da população.

4 — Para o fomento da indústria ervateira, é mister que se ampliem os mercados consumidores dentro e fora do país, além da conquista de outros importadores. Para tal, seria interessante uma campanha publicitária bem dirigida.

BIBLIOGRAFIA

- BERNARDES, Lysia M.C.
 “Crescimento da População do Estado do Paraná”. *Revista Brasileira de Geografia*.
 Ano XIII, n.º 2, 1951. P. 265.
- BERNARDES, Nilo
 “Expansão do Povoamento no Estado do Paraná”. *Revista Brasileira de Geografia*.
 Ano XIV, n.º 4. Pp. 427-456.
- BERNARDES, Nilo
 “Relatório da excursão realizada à região do Alto Uruguai”. Inédito.
- BIGG WITHER
 Pioneering in South Brazil. Vol. II. 1878. 328 pp.
- COSTA PEREIRA, José Veríssimo
 “Ervateiro”. *Tipos e Aspectos do Brasil*. 1949. C.N.G.
- CRUZ CÉSAR, Nirceu de
 “O Mate no Brasil”. Série Estudos e Ensaios n.º 5. Ministério da Agricultura.
 Serviço de Informação Agrícola. Rio de Janeiro, Brasil. 1952. 43 pp.
 Dados estatísticos fornecidos pelo Serviço de Estatística da Produção do Ministério
 da Agricultura.
 Dados estatísticos fornecidos pelo Serviço de Estatística Econômica e Financeira
 do Ministério da Fazenda.
 Dados estatísticos do estado do Paraná, fornecidos pelo Serviço Nacional de Recen-
 seamento.
- DENIS, Pierre
 “Le Brésil au XXème Siècle”. Paris, 1909. 312 pp.
- DOMINGUES, Alfredo José Pôrto
 “Notas de Campo” (inédito).
- EGLER, Walter Alberto
 “Notas de Campo” (inédito).
- FAISSOL, Speridião
 “Aspectos Gerais do Sul de Mato Grosso” (inédito).
- HARNISCH, Wolfgang Hoffmann
 “O Rio Grande do Sul. A Terra e o Homem”. Tradução de A. Raimundo Schnei-
 der e Archibald Severo. Edição da Livraria Globo. Pôrto Alegre. 1941. 587 —
 XLVII pp.
- KUHLMANN, Edgar
 “A vegetação de Mato Grosso — seus reflexos na economia do Estado”. *Revista
 Brasileira de Geografia*. Ano XVI, n.º 1, pp. 77-122.
- MARTINS, Romário
 “Ilex Mate (Chá Sul-Americano)” Curitiba, 1926. 309 pp.
- ROMARIZ, Dora de Amarante
 “Mapa de Vegetação Original do Estado do Paraná”. *Revista Brasileira de Geo-
 grafia*, ano XV, n.º 4, pp. 597-606.
- SAINT-HILAIRE, Augusto de
 “Viagem à Província de São Paulo e Resumo das Viagens ao Brasil, Província Cis-
 platina e Missões do Paraguai”. 2.^a Edição. Livraria Martins, 375 pp. Editôra
 São Paulo.
- SODRÉ, Nelson Werneck
 “O Uru”. *Revista Brasileira de Geografia*. Ano XII, n.º 2. Abril-junho de 1950.
 P. 335.
- STELLFELD, Carlos
 “Fitogeografia Geral do Estado do Paraná”. *Boletim Geográfico*. Ano VIII, n.º 87,
 pp. 301-324.

TESCHAUER, S. J. Padre Carlos

"A erva-mate (na história e na atualidade)". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Pôrto Alegre. 1926. I e II trimestres. Ano VI, pp. 559-604.

VALVERDE, Orlando

"Excursão à Zona Colonial Antiga do Rio Grande do Sul". *Revista Brasileira de Geografia*. Ano X, n.º 4, pp. 477-534.

VALVERDE, Orlando

"Notas de Campo" (inédito).

Além dos mapas incluídos nos trabalhos já citados, foram consultados os seguintes:

"Mapa Preliminar da Vegetação do Estado do Rio Grande do Sul". 1949. Escala 1 : 1 000 000. C.N.G. Secção Regional Sul.

"Mapa de Vegetação Original do Estado de Santa Catarina". Escala de 1 : 1 000 000. WALTER ALBERTO EGLER.

"Mapa Geológico do Estado do Paraná", na escala de 1 : 750 000. Levantado e construído pelo Dr. REINHARD MAACK — 1953.

"Mapa Fitogeográfico do Estado do Paraná", na escala de 1 : 750 000 — Serviço de Geologia e Petrografia segundo dados e pesquisas do Dr. REINHARD MAACK — 1950.